

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



Dezanove



Degraus



MILLIE
BOBBY
BROWN



*Para todos os que perderam a vida nesta tragédia
e para os seus entes queridos que sobreviveram.
E para a minha avó Ruth, que me contou esta história.*

Prólogo

Março de 1993

Era a primeira vez que Nellie regressava a Bethnal Green, a zona onde crescera, em quase cinquenta anos. A primeira vez desde o fim da guerra. Quando saiu do comboio para a gare e olhou em volta à procura de tabuletas para a saída, ficou surpreendida com quão diferente tudo estava em relação ao que se lembrava. A estação ainda não estava terminada e os carris ainda não tinham sido colocados quando aquele lugar fora requisitado como abrigo público de ataques aéreos durante a guerra. Agora, as pessoas passavam apressadas por Nellie, ali parada, a segurar firmemente a sua mala, tentando imaginar os milhares de beliches triplos que forravam os túneis quando estivera ali pela última vez. Quantas noites intermináveis e angustiantes tinham ela e a família passado ali em baixo durante o Blitz? Demasiadas. E, mais tarde, durante a guerra, houvera tantas outras noites em que tiveram de se abrigar dos frequentes bombardeamentos.

O comboio em que viera partiu, com as rodas a moverem-se ruidosamente sobre os carris à medida que ganhava velocidade, deixando Nellie na gare rodeada das suas memórias.

Reparou que tinham substituído a escada rolante, enquanto pisava o aço brilhante, em vez dos degraus de madeira da antiga, arrastando a mala de rodas para o degrau atrás de si. Um artista de rua tinha-se instalado ao fundo da escada rolante e estava a cantar «Bridge Over Troubled Water», e a música ecoou até Nellie. Enquanto subia, ia a cantar baixinho, lembrando-se de

como, durante a guerra, às vezes cantava ali em baixo para os amigos e a família. Ao chegar à zona da bilheteira, pensou no querido Billy, e nas covinhas nas suas bochechas quando ele lhe sorria. Era ali que ela parava muitas vezes para lhe dar uma palavrinha, prometendo à família que já os apanharia, enquanto eles se dirigiam para os beliches.

Depois de passar a barreira dos bilhetes, virou automaticamente para a esquerda. Antes, só havia uma entrada e uma saída para a estação inacabada. Agora, havia outra à sua direita, mas, se fosse por essa, receava ficar desorientada quando chegasse ao nível da rua. O espaço era-lhe familiar, mas, ao mesmo tempo, diferente, com cartazes publicitários a forrarem as paredes e uma máquina de venda automática, em vez da cantina do abrigo. O seu coração começou a bater com força quando subiu os primeiros sete degraus até ao patamar intermédio e, depois, virou à esquerda e começou a subir os dezanove degraus. Dezanove. Estavam muito mais bem iluminados agora, claro, com um corrimão central, que não existia antes, mas, ainda assim, eram os mesmos dezanove degraus. As recordações de todas as outras centenas de vezes em que tinha usado aqueles degraus voltaram à tona enquanto subia, enchendo-lhe os olhos de lágrimas e deixando-lhe um nó no estômago.

Precisava de sair da estação, descobrir o caminho para a casa de Barbara, cumprimentar a sua velha amiga e tomar uma chávena de chá. Babs escrevera-lhe alguns meses antes, pedindo-lhe que considerasse a possibilidade de voltar para a cerimónia fúnebre do quinquagésimo aniversário. Tinha-lhe parecido uma boa ideia, mas, agora ali estava ela, passados todos aqueles anos, com tudo pela frente.

Um grupo numeroso de jovens, estudantes universitários, supôs ela, desceu de repente os degraus na sua direção. Ela desviou-se para a direita, encostando-se à parede. Começou a

arfar, com o coração a acelerar furiosamente, e sabia que não era devido ao esforço de subir as escadas. Era por causa do que tinha acontecido ali há cinquenta anos. A noite que mudara a sua vida para sempre. Agarrando firmemente a mala com uma mão e pressionando o peito com a outra, encolheu-se contra a parede, esforçando-se para recuperar o controlo, tentando, com dificuldade, recobrar o fôlego. «Não caias, não caias», sussurrou ela.

PARTE UM

Outono-Inverno de 1942

Capítulo 1

Era um sábado luminoso de setembro que parecia ser ainda verão. Nellie tinha tido uma semana atarefada na câmara municipal, onde era assistente da presidente da câmara, e hoje ansiava por um pouco de normalidade, uma pequena amostra de como a vida costumava ser antes da guerra. Antes dos ataques aéreos, do racionamento e dos intermináveis noticiários sombrios no rádio sem fios. Estava a levar a sua irmã mais nova, Flo, para um piquenique no parque. Estava calor — o tipo de calor que nos faz desejar que o tempo arrefeça e que as folhas caiam, mas que depois nos faz censurar-nos por termos desejado o fim do bom tempo.

O frio do outono chegaria em breve, disse Nellie para si própria. E, com ele, os dias escuros e invernosos, quando saía do trabalho já de noite, a tropeçar sob o *blackout*, sentindo cada centímetro do caminho como traiçoeiro.

— Despacha-te, Flo. Para termos mais tempo para o nosso piquenique — disse à irmã, puxando-a pela mão.

Caminharam pelas ruas familiares de Bethnal Green, onde ela sempre vivera, passando por uma fila de lojas com as suas míseras montras. Roupas em segunda mão, coelho e carneiro no talho (há tanto tempo que não comia carne de vaca!), uma fila, ainda, na mercearia para comprar maçãs dos pomares de Kent. Numa esquina, os restos de uma parede lateral de uma casa bombardeada, com uma cortina ainda a abanar desamparadamente na janela. Desviava os olhos dos locais bombardeados, das edificações vazias que outrora tinham sido casas de pessoas,

casas como a sua. Não queria correr o risco de estragar a sua boa disposição ao pensar nelas naquele momento.

— Quando é que vão reconstruí-las? Quando é que as pessoas vão ter as suas casas de novo? — perguntou Flo.

— Depois de a guerra acabar, acho eu. — Nellie suspirou, ajeitando o cesto que levava no braço. Mas era pouco provável que as pessoas que ali tinham vivido alguma vez voltassem, pensou. Pelo que sabia, podiam até ter morrido lá dentro quando as casas foram atingidas.

— E se a guerra durar para sempre?

Os títulos dos jornais anunciavam em grandes parangonas os bombardeamentos da RAF sobre Munique, e Nellie sentia um nó no estômago quando pensava nisso. Sempre que os britânicos bombardeavam com sucesso uma cidade alemã, era certo que haveria um ataque de retaliação pouco depois. E isso significava geralmente que Londres seria atingida. O que significava que East End estaria mais uma vez em perigo.

A sua irmã mais nova, com apenas sete anos, mal se lembrava do tempo antes do início da guerra, que não dava sinais de ir acabar tão cedo. A guerra podia ter estragado a infância de Flo, mas também tinha roubado a Nellie a sua adolescência, altura em que devia estar a divertir-se sem preocupações. No entanto, atualmente, não era tão mau como no princípio, quando as docas e os armazéns foram atacados, e depois durante o Blitz, quando Hitler enviou os seus bombardeiros para as zonas urbanas, tentando quebrar o moral britânico. Não tinha resultado. Ainda lá estavam, ainda lutavam, e nunca se renderiam, como dissera o primeiro-ministro quase no início da guerra. *Nunca se renderiam*. Nellie ergueu o queixo, num gesto de desafio, ao lembrar-se do discurso de Churchill.

— Prometo que não vai durar para sempre. Olha, estamos quase a chegar! — Nellie sorriu, ansiosa por animar a irmã,

enquanto seguiam pela ponte sobre o Regent's Canal até entrarem em Victoria Park, passando pelas estátuas de dois cães que guardavam a entrada. Flo, como sempre, deu uma palmadinha a cada um dos cães, ao passar.

Agora, com Victoria Park quase todo tomado pelos militares — canhões antiaéreos num dos lados e um campo de prisioneiros de guerra na outra ponta —, havia menos lugares onde as pessoas se podiam sentir verdadeiramente livres. Ainda assim, havia a pequena área de Vicky Park que estava aberta ao público, e inúmeros parques e jardins mais pequenos escondidos entre as ruas de casas geminadas vitorianas. Alguns tinham sido transformados em hortas, mas havia outros onde as crianças ainda podiam brincar e onde decorria sempre um jogo de futebol algures, com os casacos dos rapazes a servirem para marcar as balizas.

Um pouco mais ao longe, atravessaram a ponte que ia dar à pequena ilha no meio de um lago.

— Ainda me lembro de quando as crianças não podiam brincar nesta ilha — disse Nellie a Flo. — Era só para adultos.

— Só vieste à ilha quando eras adulta? — perguntou Flo, de olhos arregalados.

Nellie sorriu.

— Não, vim antes. Eu, a Babs e o Billy. Um de nós distraía o guarda do parque, e os outros corriam pela ponte até à ilha. Quando o guarda nos via, já tínhamos dado a volta à ilha, e a única coisa que ele podia fazer era perseguir-nos, mas nós éramos mais rápidos do que ele, e ele não tinha qualquer hipótese de nos apanhar.

Flo riu-se e Nellie também. Tinham sido bons tempos, antes da guerra, quando ela ainda andava na escola e Flo ainda era bebé. Nellie, Barbara, a sua melhor amiga, e o irmão de Barbara, Billy, eram inseparáveis. Tinham todos mais ou menos a mesma

idade — Billy era um ano mais velho do que Nellie e Babs era um ano mais nova. Tinham crescido juntos. Agora, Nellie tinha dezoito anos, era mais ou menos adulta, uma mulher trabalhadora com um emprego importante na câmara municipal, mas às vezes desejava ser ainda uma criança, a brincar às escondidas no parque com Billy e Babs.

Como se pensar nele o tivesse feito aparecer, viu uma figura familiar a caminhar na direção delas, com um sorriso rasgado.

— Bem me parecia que eras tu, Nellie Morris! Vieste fazer um piquenique? — perguntou Billy, apontando para o cesto pendurado na curva do cotovelo dela.

— Vim. Decidimos aproveitar ao máximo o bom tempo, e a Flo gosta de piqueniques.

— Aposto que também gosta de cócegas — disse Billy, avançando para Flo.

Ela fugiu a guinchar, e Nellie ficou a vê-los, rindo-se. Billy era como um irmão mais velho para as duas, e ela gostava dele. Em momentos como aquele quase conseguiam esquecer-se de que estavam em guerra, e eram momentos assim que lhe davam ânimo para seguir em frente.

Depois de uma volta à ilha, voltaram os dois. Billy estava ofegante.

— Ela já corre depressa demais para mim — disse, a arfar, com a pieira perceptível na voz.

— Tem cuidado, Billy. A tua asma.

Ele acenou com a cabeça e pegou nos cigarros medicinais que trazia sempre consigo. Bastavam algumas passas para que o medicamento que continham penetrasse profundamente nos pulmões e fizesse parar a pieira.

— Eu sei. Isto já passa. — Acendeu um cigarro e inspirou fundo. — Vês? Já estou bem. O que é que tens aí que se coma? —

Apontou com a cabeça para o cesto de Nellie, com a comida que a mãe delas, Em, tinha preparado para as duas.

— Sanduíches, bolachas, cevada com limão. Chega para três, se quiseres juntar-te a nós. — Não chegava, na verdade, mas ela achou que tinha de oferecer.

Ele abanou a cabeça.

— Era bom, mas não posso. Estou de serviço mais logo. Os ataques aéreos não esperam pelos piqueniques. — Fez-lhe continência na brincadeira, despenteou o cabelo de Flo e foi-se embora.

Nellie viu-o a passar por duas mulheres de meia-idade; uma delas levava um caniche pela trela. Olharam para ele e abanaram a cabeça em sinal de desaprovação, e o cão ladrou. Não fizeram qualquer esforço para acalmar o animal. Sem dúvida que as mulheres tinham pensado que Billy era um objetor de consciência, pois não estava fardado. Não sabiam que ele pertencia à equipa de defesa antiaérea. Não sabiam quão arduamente trabalhava, quantos turnos extra fazia, quantas noites passava a supervisionar as pessoas no abrigo da estação do metro, apesar de o facto de ter de estar ali fechado naquela atmosfera húmida não ser nada bom para os seus pulmões.

Todos eles davam o seu contributo para o esforço de guerra. O pai dela, Charlie, fazia alguns turnos por semana como vigilante contra incêndios, além do seu emprego habitual no armazém nas docas de Londres. Babs trabalhava numa fábrica a fazer uniformes militares.

— Nellieeee! Quando é que vamos comer as nossas sanduíches? Vou guardar a côdea para os patos. Estás a vê-los, ali? E também há patinhos!

— A sério? Vamos!

Nellie deixou que Flo a puxasse até à beira da ilha. E lá estava, aninhada entre alguns juncos, uma família de patos.

Os patinhos eram pequeninos e fofos, e só a muito custo Nellie conseguiu manter Flo em terra firme, apenas a vê-los, sem tentar pegar neles.

Do outro lado do parque, na área interdita, os enormes canhões antiaéreos, ou «armas *ack-ack*», como eram conhecidos, permaneciam silenciosos, apontados para o céu, prontos para entrar em ação quando ocorresse o próximo ataque aéreo. No entanto, ali, aos pés delas, havia uma pequena lembrança de que a vida continuava como sempre tinha sido.

Estavam a arrumar as coisas quando se ouviu o som estridente da sirene de ataque aéreo.

— Durante o dia? A sério? — exclamou Nellie, surpreendida, com o coração a começar a bater com força. Pôs as coisas no cesto do piquenique e agarrou a mão de Flo. — Anda, vamos ter de correr!

— Nellieeee! Para onde é que vamos? Não quero ser bombardeada! — gritava Flo, aterrorizada.

Estavam longe da estação do metro, onde a família costumava abrigar-se dos ataques aéreos, e demasiado perto dos canhões *ack-ack*, que podiam facilmente ser um alvo para os bombardeiros alemães. Nellie imaginou um ataque direto aos canhões, com estilhaços a voar pelo parque e a atingi-las a ambas. A pequena Flo a cair, a sangrar e sem vida. Não, isso não podia acontecer. Tinha de salvar a irmã.

Havia um abrigo público perto da entrada do parque pelo qual tinham passado ao entrar. Era apenas um daqueles de ferro ondulado enterrados no chão, mas teria de servir. Qualquer coisa era melhor do que serem apanhadas ao ar livre. Enquanto Nellie corria, agarrando firmemente a mão de Flo, passou uma vaga de bombardeiros alemães, suficientemente baixo para que ela conseguisse ver o emblema da Luftwaffe nas asas. Os seus

motores guinchavam e rugiam, com um som reconhecidamente diferente do dos aviões da RAF que frequentemente voavam em formação para irem bombardear cidades alemãs. Flo parou e ficou a olhar para eles. Nellie apercebeu-se de que talvez fosse a primeira vez que ela via o inimigo. Normalmente, os ataques aéreos eram noturnos. Tinha medo de que os aviões que estavam a sobrevoar o local abrissem fogo com as suas metralhadoras a qualquer momento, já para não falar das bombas que transportavam.

— Temos de correr, Flo! — insistiu, rezando para que conseguisse proteger a irmã.

Chegaram ao abrigo, e empurrou Flo à sua frente, ofegante. Lá dentro, segurou-a junto de si, pousando a face no seu cabelo encaracolado e macio. Graças a Deus tinham conseguido.

— Ufa, foi por pouco, menina — disse um rapaz no abrigo, agarrado a um cão pequenino, tentando recuperar o fôlego.

— Eu sei. Não percebo porque é que a sirene tocou tão tarde. Mal tivemos tempo de chegar aqui.

— Um ataque à luz do dia, não é? Os nossos rapazes só estão à espera deles de noite, acho eu.

Nellie não acreditava que isso pudesse ser verdade. Puxou Flo para o seu colo, esperando que os pais e o irmão, George, tivessem conseguido pôr-se a salvo. Como toda a gente em East End, estavam habituados a lidar com ataques aéreos. Mas, por mais vezes que acontecessem, continuava a aterrorizá-la a ideia de que qualquer bomba podia ser a que tinha o seu nome, que aqueles poderiam ser os seus últimos momentos na Terra. Tentou respirar fundo para se acalmar, determinada a não chorar e a não deixar que Flo visse como estava assustada.

Os canhões *ack-ack* começaram a disparar, fazendo muito mais barulho, por se encontrarem tão perto, do que aquele a que Nellie estava habituada, mas era reconfortante saber que

a cidade estava a ser defendida. Aquele pequeno abrigo só dava para um punhado de gente. Tinha apenas uma tábua para se sentarem, e o chão era de terra batida, completamente diferente e distante da estação do metro a que se tinham acostumado. Lá, havia beliches, casas de banho, uma cozinha que servia comida quente e até um pequeno teatro para um pouco de entretenimento.

— Ainda bem que não temos de vir para aqui sempre que há um bombardeamento, não é, Flo? — disse, abraçando a irmã com mais força.

Flo assentiu com a cabeça e aconchegou-se mais a ela. Era aterrador estar naquele pequeno abrigo enquanto se ouviam os aviões a voar lá em cima, o estrondo dos canhões *ack-ack* e os ocasionais impactos das bombas ao longe. No abrigo do metropolitano, os sons da guerra eram mais abafados e mais fáceis de suportar. Além disso, estariam com Em, Charlie e George, e Nellie não seria a única responsável por Flo. Pestanejou para afastar uma lágrima, tentando parecer calma.

Quando, por fim, os sons dos aviões e das armas diminuíram, a sirene parou de tocar. Nellie levou Flo para fora do abrigo e começaram a sua caminhada para casa, através do pó que havia no ar e dos novos escombros. Ao dobrarem a esquina da Morpeth Street, com as suas filas de casas vitorianas de tijolo vermelho frente a frente, George abriu logo a porta da frente da casa deles e o pai apareceu imediatamente a seguir.

— Eu estava na rua — disse George, ofegante — quando os bombardeiros apareceram. Estavam a voar tão baixo!

— Nós também os vimos do nosso abrigo — respondeu Nellie, com um arrepio, ao lembrar-se de como os aviões tinham passado tão perto do chão.

— Até conseguia ver o branco dos olhos deles! — continuou George. — O tipo da frente tinha cabelo louro, como

o da Flo. Tive de mergulhar para debaixo de um arbusto antes que ele me abatesse!

Charlie lançou-lhe um olhar furioso.

— O que é que estavas a fazer na rua? Não estou sempre a dizer que tens de ir para um abrigo assim que ouvires a sirene de um ataque aéreo?

— Foi o que eu fiz, pai, mas... — começou George a dizer.

— Nunca vás para muito longe do metro, ouviste? Para poderes ir logo para lá.

— A Nellie e a Flo estavam a quilómetros do metro quando estavam no parque!

— A menos de um quilómetro, idiota — retorquiu Nellie, lançando um olhar de desprezo ao irmão.

— Pelo menos conseguiram chegar a um abrigo. — Charlie passou as mãos pelo cabelo. Parecia ter-se apercebido subitamente de que os seus filhos haviam estado em perigo, em plena luz do dia, num sábado luminoso de setembro.

Nellie também sentiu um arrepio. Se tivesse acontecido alguma coisa a Flo enquanto foram passear, nunca se perdoaria.

Abraçou o pai e depois deu um beijo à mãe, que as apressou a entrar em casa.

— Está tudo bem. Estamos todos a salvo. Mas está a piorar outra vez, não está? Bem, pelo menos não é tão mau como o Blitz. — Em 1940 e 1941, houvera bombardeamentos quase todas as noites, e eles viviam praticamente no abrigo da estação do metro. Nellie não conseguia suportar a ideia de que a situação poderia voltar a ser assim tão má.

— É verdade — respondeu Charlie. — Esta guerra sangrenta... Assim que nos habituamos a ela e pensamos que estamos a lidar bem com as coisas, lança-nos algo novo. Até numa tarde de sol. Não está certo.

Nellie estava prestes a responder quando bateram à porta.

— Devem ser a Ruth e o John — anunciou Em, apressando-se a abrir.

Mas na soleira da porta estava apenas John, com um galgo preto pela trela.

— Desculpem, Em e Charlie — disse-lhes. — A Ruthie não está em condições de vir tomar chá hoje. Este ataque aéreo em pleno dia deixou-a muito nervosa.

Os seus tios vinham tomar chá a sua casa todos os sábados à tarde desde que Nellie se lembrava. Era uma tradição familiar. Bolos, uma ou duas partidas de cartas e muitas gargalhadas — com ou sem guerra.

Ruth era irmã de Charlie, e Nellie tinha tido uma relação próxima com os tios desde sempre. Ela e Babs costumavam fugir para casa deles sempre que tinham problemas com os pais. Ruth dava-lhes biscoitos e dizia-lhes que podiam ficar a viver com eles e nunca mais voltar para casa. No entanto, à hora do chá, as raparigas já estavam com saudades de casa e das mães. Porém, Em e a Sra. Waters sabiam sempre exatamente onde elas estavam, porque Ruth mandava um recado por um rapaz da vizinhança.

— Dá-lhe um beijinho meu — disse Charlie.

Nellie sabia que ele estava preocupado com a saúde da irmã. E, sendo um homem que estava habituado a conseguir consertar coisas, a melhorar as coisas, era um sofrimento para ele não poder fazer nada em relação à tuberculose de Ruth, que tinha piorado pelas muitas noites que passara na humidade do abrigo antiaéreo.

Desde o início da guerra, as famílias tinham-se tornado mais unidas, contando umas com as outras para se apoiarem, e Nellie não suportava a ideia de Ruthie não estar presente.

Olhou de relance para o cão, que estava a cheirar-lhe a mão.
— Um galgo novo? Onde é que está o *Oscar*?

John riu-se.

— Este é o *Oscar*. Não o reconheces?

Nellie franziu o sobrolho. O cão do tio era um galgo tigrado. Aquele cão era preto, mas estava a lambe-lhe a mão como se a conhecesse.

— Estás outra vez a tentar esse truque, John? — perguntou Charlie, com uma pequena gargalhada.

— Estou. Já funcionou antes, deve funcionar outra vez.

— Que truque, tio John? — perguntou Nellie.

Ele inclinou-se para ela.

— O *Oscar* é conhecido por ser um cão vencedor. Pinto-o de preto e inscrevo-o numa corrida diferente com um nome diferente, para não ser reconhecido. Aposto em força nele. Ele ganha, nós ganhamos, trabalho feito. — John piscou o olho a Nellie. — Não importa se estamos em guerra, temos de aproveitar todas as oportunidades de ganhar algum dinheiro.

— Onde é que vais levá-lo a correr e com que nome? — perguntou Charlie. — Estou com um palpite. Talvez ganhe uns trocos.

— Em Walthamstow, hoje às oito. Vai já aos corretores de apostas, Charlie. O novo nome dele é *Lord of the Darkness*.

Nellie riu-se.

— Muito impressionante! Boa sorte para o *Oscar* e beijinhos para a tia Ruth. Tenho muita pena de não a ver.

Em voltou com os biscoitos embrulhados em papel.

— Toma. Para o chá da Ruth. E mantém esse cão longe deles.

— Obrigado, Em. Ela vai ficar contente com os biscoitos. Ah, e pediu-me para vos dar isto. Não precisamos deles, já temos que chegar. — Entregou alguns cupões de racionamento a Nellie.

— Obrigada, tio — disse ela, com um sorriso.

— Devemos partilhar o que temos, não é? Vamos, rapaz.
— John afastou-se com o cão, enquanto Charlie e Nellie lhe acenavam em despedida.

Era sempre assim — a família e os amigos a partilharem o que tinham, a tirarem o máximo partido das coisas, a apreciarem as pequenas gentilezas uns dos outros. Um dia as coisas mudariam e eles voltariam a ser como eram antes da guerra, quando não tinham muito, mas havia sempre o suficiente para irem sobrevivendo.

Capítulo 2

— Emprestas-me o teu chapéu, mãe? — perguntou Nellie, quando se preparava para sair para ir trabalhar numa manhã fria e chuvosa de segunda-feira.

— Desculpa, querida, mas vou precisar dele. Tenho de ir ao mercado porque já não tenho nada para acompanhar o chá. É bem bom que o teu pai tenha ganhado dinheiro na corrida de galgos, mas, ainda assim, tenho de ir para a fila, se quiser algum desse dinheiro em comida. Toma, põe isto na cabeça. — Em atirou a Nellie um chapéu impermeável que já tinha visto melhores dias.

— Vai acachapar-me os caracóis — resmungou Nellie, mas pô-lo na mesma. Era isso ou ficar encharcada nos dez minutos de caminho para o trabalho.

— Não te atrases. Ah, e fazes-me um favor? Vai buscar a roupa da tua tia à Sra. Denning logo à noite e deixa-lha lá em casa. Fica a caminho de casa e a Ruth vai gostar de te ver.

— Está bem. — Nellie deu um beijo de despedida a Em e pôs-se a caminho.

Enquanto corria pela Morpeth Street, ouviu uma voz familiar atrás de si a chamá-la.

— Nellie Morris! Estás um espanto com esse chapéu!

Ela voltou-se para Billy a sorrir.

— É um horror!

Estava a chover demasiado para poderem parar a conversar, pelo que Nellie continuou a andar, apressada, limitando-se a acenar-lhe.

— Um dia vou casar contigo e vais ter de usar um chapéu tão bonito como esse no dia do nosso casamento, Nellie Morris!

— Só se eu te quiser! — ripostou ela.

Ele andava a dizer-lhe aquilo há anos. Desde que ela tinha quinze anos e ele, dezasseis, e passavam tanto tempo juntos que haviam começado a namoriscar; os pais deles diziam que eles acabariam por se casar. Ela adorava-o, mas não achava que fossem mesmo casar-se — era apenas uma brincadeira de amigos. Às vezes era divertido imaginar que acabariam juntos; sabia que ele daria um ótimo marido. Porém, queria mais da vida do que casar com um vizinho, com o rapaz que dizia que nunca sairia de East End. Queria viajar, ver o mundo. Quando a guerra acabasse, era precisamente isso que tencionava fazer.

Billy ficou a vê-la a afastar-se a correr. Nellie não sabia o que ele sentia verdadeiramente por ela. Como é que podia saber? Ele nunca lhe dissera. Tinha medo de perder também a amizade dela se estivesse enganado e ela o rejeitasse. Sabia que não seria capaz de lidar com isso, por isso escondia os seus sentimentos, mas era cada vez mais difícil mantê-los em segredo. Sabia que ela o via apenas como «o rapaz da casa ao lado», um irmão mais velho, um amigo. Alguém com quem estar na galhofa, mas não alguém para amar. Tinha de arranjar uma maneira de mudar isso. Não sabia bem como, mas queria provar-lhe que era o homem certo para ela, que podiam ter uma vida maravilhosa juntos. Houvera momentos, pouco antes de a guerra eclodir, em que se sentavam os dois no parque — não a correr atrás um do outro, como faziam em crianças, mas sentados num banco, com o braço dele à volta do ombro dela, a cabeça dela encostada a ele, enquanto ela falava dos seus sonhos para o futuro e ele sonhava com um futuro com ela.

Billy tinha vivido toda a sua vida ali mesmo, na Morpeth Street, tal como Nellie. Aquela rua tinha tudo o que ele sempre quisera, incluindo ela. Mas sabia que ela queria mais. Se não fosse a guerra, Nellie provavelmente já se teria mudado dali. Excitação, aventura, viagens — ela falava demasiadas vezes dessas coisas com um desejo que ele não conseguia compreender. Ele não podia oferecer-lhe isso. Só podia oferecer-lhe o seu amor eterno, companheirismo e segurança, e esperava que um dia isso fosse suficiente para uma rapariga tão especial como Nellie Morris. A rapariga que, uma vez, tinha poupado dinheiro durante semanas a fio para lhe comprar uma cigarreira para os seus cigarros medicinais. Billy ainda a usava, e pensava em Nellie sempre que a tirava do bolso. A rapariga que, um dia, tinha corrido rua fora atrás dele, quando ele se esquecera das sanduíches, e lhas dera com um sorriso e uma palmadinha na cara, dizendo: «O que seria de ti sem mim, Billy Waters?». Era verdade. Um dia, em breve, convidaria Nellie para saírem. Um dia, quando tivesse coragem.

Nellie adorava trabalhar como assistente da presidente da câmara de Bethnal Green, a Sra. Margaret Bolton. Era diversificado e interessante, e ela dava-se bem com a presidente da câmara. O Sr. Percy Bolton, o marido da presidente da câmara, tinha sido professor de Nellie, e fora ele que a recomendara à mulher. Estava reformado do ensino, mas agora era guarda antiaéreo sénior e era o patrão de Billy. As outras raparigas que Nellie conhecia trabalhavam nas fábricas de roupa, como Babs, ou de munições. A sua amiga começara por fazer roupa interior de luxo, que era vendida nos grandes armazéns de West End, mas agora a fábrica só fazia uniformes e roupa utilitária.

Trabalhar na câmara municipal fazia Nellie sentir que estava no coração de Bethnal Green. Era muitas vezes a primeira a saber o que se passava na zona, e gostava dessa sensação de importância.

— És demasiado ambiciosa, é esse o teu problema — dizia-lhe Em às vezes, embora com orgulho na voz.

— É demasiado inteligente para Bethnal Green. A minha menina vai longe; espera e verás — respondia Charlie, radiante.

Nellie esperava que eles tivessem razão. Adorava Bethnal Green, mas estava desejosa de ver mais mundo para além daquele pequeno canto de Londres. Queria aventura. Queria ser alguém que fizesse a diferença no mundo. Quando a guerra acabasse.

— Bom dia, Gladys — disse Nellie a uma das raparigas da sala de dactilografia, com quem passava muitas vezes a hora de almoço, quando entrou no escritório do primeiro andar.

— Bom dia, Nellie. Está um tempo maravilhoso, não está?

— Está mesmo — respondeu Nellie, com uma gargalhada, avançando apressadamente para ir despir o casaco molhado e tentar secar os pés no radiador mais próximo. Essa era outra coisa boa de trabalhar na câmara municipal: tinha um sistema de aquecimento central eficaz. Ela só esperava que o aquecimento estivesse ligado para se aquecer.

— Bom dia, Nellie — cumprimentou-a a Sra. Bolton quando Nellie entrou no escritório e pendurou o casaco no cabide. — Preciso que faças a ata de uma reunião às dez horas, mas, se pudesses acabar de dactilografar essas cartas de ontem antes, agradecia-te muito.

— Claro que sim.

Nellie tinha aprendido dactilografia e estenografia na escola. Fora a sua rapidez e eficiência que a levaram a ser promovida da equipa de dactilografia. Pôs uma folha na máquina de escrever, abriu o bloco de notas e começou a trabalhar.

Às dez horas, já tinha acabado as cartas e aquecido os pés. Com um esgar de desconforto, enfiou-os nos sapatos ainda húmidos e seguiu a Sra. Bolton até uma pequena sala de reuniões, onde um homem corpulento, com um casaco de *tweed*, estava sentado à espera delas. Levantou-se quando elas entraram e estendeu a mão para cumprimentar a Sra. Bolton.

— Senhora presidente. É um prazer voltar a vê-la.

— Bom dia, Sr. Smith. Esta é a menina Morris, que vai estar connosco para tomar notas. Nellie, o Sr. Smith é um engenheiro que contratei para inspecionar o abrigo antiaéreo de Bethnal Green e fazer as recomendações de segurança necessárias. Já pedi fundos à Defesa Civil para melhorar a entrada, mas os meus pedidos foram recusados. Sr. Smith, espero que me forneça provas que me ajudem a reforçar o meu pedido. — Virou-se para o engenheiro. — Sei que já terminou a sua inspeção. Está pronto para apresentar um relatório?

Ele assentiu com a cabeça.

— Ora bem, esta comunidade tem sorte por a estação estar no estado em que se encontrava quando a guerra começou. Como sabe, faz parte da extensão da linha Central, concebida para ligar East End ao centro de Londres, mas ainda não está concluída. Os carris não foram colocados e, por isso, não podia ser usada pelos comboios.

Nellie assentiu com a cabeça. Todos estavam entusiasmados com a abertura da estação do metro quando a guerra acabasse. Os habitantes de Bethnal Green poderiam ir para oeste, às lojas ou para passar os dias fora, e seria muito mais fácil fazê-lo de metro do que de autocarro. Nellie queria muito sentir que fazia parte da grande cidade, ir às compras com Babs para comprar um vestido novo e percorrer os balcões de artigos de cosmética dos grandes armazéns, ou mesmo ir a um espetáculo.

— Como se encontra a grande profundidade — continuou o Sr. Smith —, é um abrigo antiaéreo perfeito e de grande capacidade. Quem lá estiver no decorrer de um ataque aéreo estará cem por cento seguro. Mas...

— Mas? — perguntou a Sra. Bolton.

O engenheiro pigarreou.

— Estou preocupado com a entrada, em particular com os degraus que descem do nível do passeio para a zona da bilheteira. Nunca foram devidamente acabados, e a vedação de proteção no topo foi sempre considerada uma medida temporária. Inspeccionei-a em pormenor, tanto à luz do dia como de noite.

Nellie passou para uma nova página do seu bloco e esperou que o engenheiro continuasse.

— Embora a entrada seja adequada para uma utilização normal, penso que é muito provável que não seja segura se houver uma multidão a tentar entrar ao mesmo tempo. Só há uma lâmpada de baixa potência, e mesmo essa foi protegida de modo que a luz não brilhe no passeio, para cumprir os regulamentos do *blackout*, como compreende. Não tem um corrimão central; na verdade, não tem corrimão algum. Os portões no cimo abrem para dentro e, por isso, não podem ser fechados contra uma vaga de pessoas se a estação ficar demasiado cheia. — Voltou a pigarrear. — E os próprios degraus, com as arestas inacabadas, podem tornar-se escorregadios se estiverem molhados.

— Estou a ver. — A expressão da presidente era grave. — Mas está a ser utilizada desde o início da guerra. O que receia que possa acontecer se nada for feito?

— Pode haver uma catástrofe. Acho que temos tido sorte por ainda não ter acontecido nada do género. Mas, se uma grande multidão chegasse de uma só vez, talvez em pânico, a apressar-se para a segurança do abrigo, haveria o perigo de a

vedação de madeira que rodeia os degraus no topo ceder e as pessoas serem precipitadas pelas escadas abaixo. De facto, seria muito fácil alguém tropeçar ou talvez escorregar nos degraus molhados, desequilibrar-se com a pouca luz, e uma queda por aqueles degraus abaixo poderia causar ferimentos graves, ou até ser fatal. — O engenheiro recostou-se na cadeira, de braços cruzados, aparentemente satisfeito por ter feito o seu trabalho e dado o seu veredito.

— E o que é que se pode fazer para evitar esses acidentes?

A Sra. Bolton olhou para Nellie, para verificar se ela estava a registar tudo no seu bloco, e Nellie acenou-lhe com a cabeça para a tranquilizar. Mas a sua mente estava na entrada da estação do metro. Sempre pensara que aquele era o lugar mais seguro para as pessoas se abrigarem dos perigos dos ataques aéreos lá em cima. Mordeu o lábio, preocupada com a quantidade de vezes que todos tinham corrido para lá quando a sirene tocava, e perguntou-se se seria de facto tão perigoso como o Sr. Smith parecia sugerir.

— Bem, se a vedação de madeira fosse substituída por tijolos — prosseguiu o engenheiro —, devidamente apoiados em pilares de betão, e se fosse instalado um portão forte na entrada que abrisse para fora, ou, melhor ainda, que deslizasse, isso atenuaria o perigo de uma vaga de pessoas fazer colapsar a estrutura existente. O portão poderia ser fechado no caso de haver demasiadas pessoas a tentar aceder à entrada ao mesmo tempo. Além disso, se se alargasse a cobertura sobre os degraus, isso permitiria instalar uma melhor iluminação. Os degraus deviam ser revestidos com um rebordo metálico resistente e devia ser instalado um corrimão central. Os trabalhos demorariam apenas três ou quatro dias e o abrigo poderia permanecer aberto para ser utilizado durante a noite, em caso de um ataque aéreo.

Nellie ia escrevendo em estenografia o mais depressa que conseguia para registrar tudo o que o engenheiro dizia.

— Obrigada, Sr. Smith. Foi muito prestável, e as suas sugestões para melhorar a segurança da estação serão inestimáveis. — A Sra. Bolton levantou-se e apertou a mão ao engenheiro.

Nellie seguiu-a de volta ao seu gabinete.

— Passa essas notas à máquina, Nellie. Vou precisar delas para ditar uma carta. Temos de pedir outra vez à Defesa Civil de Londres autorização e dinheiro para melhorar a entrada, mas penso que, depois de lerem as conclusões e recomendações do Sr. Smith, não deverá ser muito difícil. Não me parece que seja demasiado caro ou que seja um trabalho muito demorado. Com alguma sorte, teremos a entrada da estação pronta até ao fim do próximo mês, ou talvez antes.

Nellie sentou-se para dactilografar as suas notas. A presidente da câmara era assim mesmo — tinha sempre em mente os melhores interesses da comunidade. Nellie tinha orgulho em trabalhar para ela.

No fim do dia, o relatório estava pronto, e a carta, ditada e dactilografada.

— Por favor, põe-na no tabuleiro de saída do correio quando saíres, Nellie. Quanto mais depressa essa carta for enviada, mais depressa obteremos o financiamento e os trabalhos poderão ter início. Acho que amanhã devíamos começar a procurar pessoal que possa fazer este trabalho, de acordo com as especificações do Sr. Smith.

— Antes de obtermos o financiamento?

— Partindo do princípio de que o dinheiro será disponibilizado, sim. É a segurança das pessoas que está em causa. Desta vez, com o peso do relatório do Sr. Smith a apoiar-nos, tenho a certeza de que não voltarão a recusar o pedido.

Nellie esperava que a chefe tivesse razão. Tinham para com a comunidade o dever de garantir que o abrigo fosse o mais seguro possível.

«Inspirado pela minha avó Ruth, este livro é muito pessoal e muito próximo do meu coração. Cresci a ouvir histórias sobre o tempo que ela viveu durante a guerra. Sinto-me honrada por manter viva a sua história.»

MILLIE BOBBY BROWN

Londres, 1942. Com os conflitos da Segunda Guerra Mundial a decorrerem intensamente na Europa, a capital inglesa vive sob a constante ameaça de bombardeamentos aéreos dos nazis. Ainda assim, numa região do East End londrino, sempre que sai ilesa do abrigo subterrâneo com a sua estimada família, Nellie Morris, de dezoito anos, considera-se uma jovem afortunada.

Após três anos de guerra, Nellie sente-se grata por manter certos vestígios de normalidade na sua vida: a família, o emprego como assistente da presidente da câmara e as noites no *pub* com os seus amigos. Mas ela ambiciona muito mais do que viver num pequeno bairro londrino, o que parece poder tornar-se real quando conhece Ray Fleming, um aviador norte-americano destacado para uma base nas proximidades.

Porém, quando Nellie decide abraçar uma nova e empolgante vida com Ray, um terrível acidente ocorre durante um ataque aéreo noturno, fazendo ruir o seu mundo. Nellie terá de lidar com as trágicas consequências do acidente, mas nada a impedirá de descobrir a verdade por detrás do sucedido. E, quando parece não haver réstia de esperança, Nellie descobre que, contra todas as probabilidades, o amor e a felicidade podem triunfar.

«Um romance valioso que retrata um acontecimento pouco conhecido da Segunda Guerra Mundial.»

THE NEW YORK TIMES



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878473



9 789897 878473 >